

DIÁRIO DO PIAUHY

Orgão Official dos Poderes do Estado

ANNO IV

Assinaturas
Anno Semestre

150000
80000

TRÍPEZINA terça-feira, 31 de março de 1914.

Redação e officina Praça 11, numero 1.

VENDA AVULSA
Numero do dia
Numero atrasado

N.º 73

O PROBLEMA IRLANDEZ

Uma injustiça multi-secular

Telegrammas do Rio nos dão noticia da agitação suscitada na Inglaterra por causa do projecto que o governo submetteu á Camara dos Communs sobre o *home rule* irlandez. E' um problema chronico a autonomia da Irlanda, ha séculos renovado e sempre insolvel. Nestes ultimos dias tomou novo incremento, e a velha aspiração dos oprimidos parecia prestes a realizar-se, quando os oppressores, dispondo de influencia no exercito e promovendo uma sublevação na provincia irlandeza de Ulster, fizeram frente á iniciativa libertadora. Parace que o projecto morreu no nascedouro; pelo menos é o que se deprehende dos ultimos despachos. Alguns officios do exercito *mirabile dictu* recusaram seguir para conter os insurreitos; o ministro da guerra, bem como o chefe do estado maior, pediram demissão. O governo declarou — affirma outro telegramma — que fará passar o projecto do *home rule* até 31 deste mez. Alguns jornaes conservadores, porém, dizem que o exercito mudou o projecto, do qual acabou por desistir o governo.

Como se vê, a situação é gravissima e insolita nas tradições politicas da Grã-Bretanha. A grande potencia militar da Inglaterra não provem do seu exercito, que é pequeno e mal appareado para a guerra, mas da sua marinha, que domina todos os mares do mundo. No entanto, contra todas as regras da melhor disciplina européa, que prohibe aos militares acções de intervenção directa na politica, o exercito inglez acaba de sobrepor-se ao governo e ao parlamento, patrocinando a causa do despotismo. Depois das luctas contra a Camara alta e seus privilegios archaicos; depois das greves colossaes dos carvoeiros e dos carregadores, que puzeram em perigo a paz publica municipal; depois da campanha temerosa das suffragistas, com as suas arruadas murchetas, a qual ainda perdura, ameaçao inverter a ordem natural dos sexes, vemos agora a disciplina militar, avorçada em pallio do terror contra uma reforma liberal inteida pelo governo e provavelmente acciçada pela maioria da Camara alta e apoiada. Decididamente estamos assistendo a acontecimentos extraordinarios, que hão de marcar uma nova era nos destinos da civilização.

Os publicistas não cansam de repetir que na Inglaterra o despotismo não medra, porque os ingleses fazem do respeito á lei um verdadeiro culto. E' isso fizeram revoluções — até conquistarem a sua liberdade; mas, uma vez conquistada esta, não se preocupam de engrandecer á sombra das suas libérrimas instituições. «Naquelle monarchia — opina Martim Garceez — que conserva ainda o disparate democratico de uma camara hereditaria — a dos *Lords*, as regalias e direitos individuais são mais sagrados e mais respeitadas do que nas repúblicas sul-americanas. Tão isto pôde ser verdade, mas só na Inglaterra propriamente dita, que é a Prussia do Reino Unido, onde ninguém ousa oppor-se ao seu descommunal poderio; não assim com os povos que ella conseguiu subjogar no correr dos séculos, em cujo numero se acha a infeliz Irlanda.

Para se fazer idéa desta monstruosa injustiça multi-secular, vamos expôr succintamente alguns dados geographicos e historicos sobre ella.

As ilhas britannicas formam, defronte das costas occidentaes do continente européo, um grande archipelago do oceano Atlantico. Tem razão o nosso poeta na sua definição pittoresca:

O lagoz — marinheiro fro,
Que ao nascer no mar se achou
(Porque a Inglaterra é um naço,
Que' Deus na M'çãas ancorou).

O seu titulo official é *United Kingdom of Great Britain and Ireland* (Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda). Na Grã-Bretanha, existem três regiões: a Inglaterra, o paiz de Gales e a Escocia, e em assim feitas — saxonicas e celtas. E a sua existencia historica, estes paizes nem sempre foram unidos sob o mesmo governo, e, só após longas e tonazes guerras, os franceses submetteram-se ao jugo do mais forte. *La raison de plus fort est toujours la meilleure*. Afinal se deixaram assimiilar, tanto assim que constituiu a Grã-Bretanha, ao passo que a Irlanda continuou formando um reino unido, mas nominalmente destacado, como os Algarves no velho reino de Portugal.

A Irlanda, *Ireland* em inglez, *Eriu* em irlandez, é uma das ilhas britannicas e uma das três reinos da Grã-Bretanha, da qual é separada pelo canal de S. Jorge ou mar de Irlanda. Os irlandezes differem dos seus dominadores pela origem ethnica, religião, pela lingua, pelos costumes e até pelo clima, apesar da vizinhança. A primitiva lingua *erse* foi quasi supplantada pelo inglez; mas o caracter nacional não variou, nem abandonou o seu fervor catholico. Apesar das horribes perseguições religiosas, quatro quintos dos irlandezes obedecem a Roma. Os protestantes habítam principalmente na parte nordeste, no territorio de Belfast e de Londonderry, desde muitos séculos colonizados pelos ingleses e pelos escocesses, que lhes ficam muito proximos. E' justamente ahi que se acha a provincia de Ulster, fôco da rebelião dos conservadores ingleses contra o *home rule*.

A annexão da ilha foi realizada em 1169 por Henrique II, rei da Inglaterra, que, armado de uma bula papal e de um poderoso exercito, invadiu o paiz, que teve como primeiro vice rei um filho do monarca vencedor. Desde então não cessaram as oppressões mais tyrannicas sobre os vencidos, que nunca esqueceram de todo os seus direitos á independencia ou ao menos á autonomia — o *home rule*, expressão que, ao pé da letra, quer dizer *lei domestica, patria ou local*. Depois de muitos esforços inúteis para succeder á dominação inglesa, a reusa de aceder á reforma religiosa de Henrique VIII atrahiu sobre os irlandezes novas perseguições. Isabel (1558-1603) despojou os catholicos irlandezes da facultade de occuparem empregos publicos; Jacques I (1603-1625) confiscou todas as terras dos insurreitos e os bens do clero catholico. Neste resumo, vamos seguindo o dictionario de Boudet. Em 1650, a Irlanda, que havia tomado partido, desde 1641, por Carlos I, depois da execução deste rei, foi posta a ferro e fogo por um exercito de Cromwel, Anaculladas por algum tempo as

suas esperanças, renovou as suas reclamações em 1782, quando obteve um parlamento independente; no entanto, encorajados pela França revolucionaria, os irlandezes insurgiram-se em 1796, sendo logo reprimida a insurreição e levantados os cadafalsos. Em 1800, o parlamento inglez, no intuito de abolir a nacionalidade da Irlanda, decretou a união definitiva dos dois paizes e supprimiu a sombra do parlamento, que ainda ali existia. Permittiu aos irlandezes enviarem deputados ao parlamento britannico — *imperial parliament* — com exclusão dos catholicos, que só foram admittidos em 1829 sob o gabinete de Roberto Peel.

Nem por isso, a Irlanda deixou de protestar contra a união oppressora, sempre que se lhe offereceu occasião. O Conde, cognominado o grande *ajudador da Irlanda*, sua patria, e Gladstone *the great old man*, genuino inglez de Liverpool, levantaram a bandeira do *home rule*, em campanhas memoraveis, sem obterem exito completo. E' essa mesma bandeira legendaria, que faz a gloria do actual governo inglez, ainda que lhe sirva de sudario, na peor hipothese.

Enquanto a Inglaterra propriamente dita augmenta rapidamente a sua população, a Irlanda se despozou cada vez mais. Com a introdução da batata no fim do século XVIII, a ilha infeliz pareceu tomar um novo alento, e a sua população, reduzida, a esse tempo, pela emigração, a uns 2 milhões de habitantes, subiu a 9 milhões em 1846 antes do grande exodo (1847), determinado pela fome, que se seguiu á nefasta doença, que ataeou aquella preciosa solânea e que arrebatou quasi um milhão de vidas humanas. Então, perseguidos pelos seus semelhantes e até pela furia da peste, resolveram expatriar-se, emigrando para os Estados Unidos, onde o irlandez constituiu o principal elemento de muitas cidades, principalmente da *empira celtica* (Nova York), e onde já existe mais sangue irlandez do que na propria Irlanda; para o Canada, onde se contavam cerca de 960.000 em 1881; para a Australia, onde elles se denominam *leghis*, e um pouco para todos os pontos do globo como o povo judeu. Hoje a sua população pôde chegar por uns 5.000.000, si tanta, apesar da fertilidade do seu solo com 81.200 k q.

No entanto, a Inglaterra, como um immenso poivo, no seu extenso territorio insular de 151.800 k q., menos da metade do territorio piauhyense, cresce prodigiosamente e a numero, em potencia militar, em commercio, em industria, em finanças, em glorias literarias, scientificas e artisticas, em todos os ramos da actividade humana, dominando todos os angulos do planeta com a sua energia incoercivel e a sua esquerda inegualavel. O vasto imperio britannico anda por 400.000.000 de subditos, a quarta parte da população da terra, e a lingua inglesa é falada por mais de 100.000.000 de seres humanos em todas as latitudes e longitudes terrestres. Em 1370 sob Eduardo III, a Inglaterra tinha apenas 2.000.000 de habitantes; em 1638, 6.500.000; em 1821, 12.000.000; em 1878, 25.000.000; em 1910, 32.528.000; — não obstante uma emigração annual de mais de 100.000 individuos só para America. E' a raça mais prolifica

e mais expansiva do mundo. Londres não é mais uma cidade, é uma provincia coberta de casas com mais de 7 milhões de habitantes. A segunda cidade do mundo com mais de 4 milhões de habitantes é Nova York, sua descendente legitima e immediata.

Ao revés, a infelizada Irlanda, que tem a honra de fazer parte da gloriosa União Britannica definhada e se estorce nos roscas de um desnotismo feroz, exercendo-se sobre um punhido, que teve o infatigavel desanchar perto do seu curador officioso e inexoravel.

Um geographico contemporaneo explica, nos termos seguintes, a situação deploravel deste povo: «E' a miséria é devinda em grande parte ao *absenteismo* pelo qual os ingleses, proprietarios da Irlanda (*landlords*), nunca residem nella; dahi resulta que os rendeiros ou fôreiros (*tenanciers* em francez) pagam rendas a senhores, que não dão nada em troca a estes desditosos paizes. Vivem assim exoltrados sem a minima compensação como servos da gleba, sem auferirem nenhuma beneficio correspondente aos sacrificios que lhes são extorquidos. E' um resto do systema feudal ha mais de um século abolido pela grande revolução franceza (1789-1793), cujas conquistas têm influído e continuam a influir em todos os povos cultos e semi-cultos, até na Russia, na Turquia, na Persia, no Japão e até na China. Só a misera Irlanda ainda não pôde gosar dos seus proventos de um modo estavel e definitivo. Das grandes conquistas caracterizaram o século XIX e têm a sua origem na revolução inglesa de 1688, amplificada e vivificada com todo o progresso effectuado desde a burguezia inglesa decapitou o seu rei e entregara o poder nas mãos do parlamento. «Estas duas conquistas (Koputika, *A Grande Revolução*, trad. portug., 1913) são a abolição da servidão feudal e a abolição do poder absoluto, que conferiram aos individuos liberdades passivas, que o servo e o subdito do rei não ousavam sonhar... Cada grande revolução tem em si alguma coisa original, especial. A Inglaterra e a França aboliram ambas o absolutismo. A fazel-o, porém, a Inglaterra occupara-se, antes de tudo, dos direitos pessoais do individuo — especialmente em materia de religião —, assim como dos direitos locais de cada parochia e de cada communa. A França dedicou a sua attenção sobretudo para a propriedade rustica, e ferindo mortalmente o regimen feudal, alcançou taí um grande propriedade e lançou no mundo a idéa da nacionalização do solo, do commercio e das principaes industrias. Parece que de nada disto se aproveitou a infeliz Irlanda, que continuou enfiada aos *landlords* ingleses, que ditam a lei na Camara dos Communs, o até conseguem introduzir-se no exercito, segundo os informes telegraphicos. Os ingleses e escocesses protestantes dominam principalmente em certas partes da Irlanda, — no litoral que defronta com a Inglaterra septent. local e em algumas districtos do norte, que correspondem á provincia de Ulster. Nas outras regiões, tanto no centro como a sudeste, o genio irlandez. Contudo, a quella minoria de felizardos intrusos, vivendo numa escassez nas grandes cidades ingles-

zas, gosando do prestigio de uma nobreza decrepita e anachronica, tem conseguido burlar a acção do governo e do parlamento, e, o que é peor, compelle o exercito a uma intervenção inoportavel com a constituição inglesa e com a disciplina militar. Pouho minutos duvidas sobre a veracidade desta intervenção militar, que me parece de cuído no origem latino-americana, maxime com o silencio da marinha, a que se não referem os telegrammas atlanticos. Pouho, pois, de quarentena essa historia de officios ingleses recusando seguir para o theatro da rebelião, desobedecendo ás ordens dos seus superiores legitimas para dar gula de causa a fidalgo sem contrahias. E' essa outra do exercito mudar um projecto de lei em discussão no parlamento, obrigando o governo a retrahir-se! Que o ministro da guerra e o chefe do estado maior pedissem demissão, comquanto factos muito graves, vá que não. Que todo o gabinete pedisse demissão, comquanto ainda mais grave, o que além o telegrapho não relata, ainda se pôde admitir. Mas que tudo isto se dê por imposição militar ostensiva, na velha patria do parlamentarismo liberal, não é possível. Isto só no Parú, ou no Mexico ou nua paiz muito mais novo e recente. Ou então, preparemo nos para assistir á depuração do velho imperio britannico com todas as suas consequências desastrosas, num futuro proximo. Tobias Barreto, analysando o parlamentarismo inglez demonstrou que, na Inglaterra, a conservação de um exercito permanente, em tempo de paz, era considerada como uma illegalidade. Ali não existia o perigo do militarismo. Em uma nota ás suas *Questões Vigentes* (1888) fez as seguintes considerações: «Quanto é incompativel com o governo parlamentar, que se pretende ser o verdadeiro governo livre, a existencia de uma classe poderosa, que dispõe da força, cheia de justas e injustas pretensões, prova-o de sobre a celebre questão, a timamente agitada na corte, que se decorou com o titulo de *questão militar*. O governo, despojado por officios superiores, que hesitam a reações tumultuosas e ameaçavam a cada instante, tomar frente aos amedrontados, e, como dizem alguns com certo prazer, estupi ha, prender os ministros e derribar o ministerio, viu-se obrigado a uma especie de capitulção affrontosa, não somente para o partido governista, mas para a nação inteira. Ha, quão pense que *parlamentarmente* á vista do recordado, o ministro lo devia ter-se demittido. Não opino assim. Que se retirasse por outro qualquer motivo, não obstante; mas *parlamentarmente*, não; pois não legitimo o governo parlamentar essas coisas nunca se deram, não se dão em tempo algum. Pois é o que está se a não se na Inglaterra, cujo governo gosa da fama de ser o tipo, o modelo do legitimo governo parlamentar. Será possível?»

Tobias Barreto escreveu esta nota em 1888; fallamos a 20 de junho de 1891, poucos mezes antes da proclamação de Republica Brasileira, que ainda purga a mácula original de ter sido obra de um levante de quartéis, que teve como protoplasmico genetico o celebre *questão militar*. Affirma o uma au-

toridade competente, testemunha e comparte no grande successo. — Em meiado do anno de 1886—diz Anfriso Piauhy, *Fundação da Republica*, 1891—um deputado offendeu a um official do exercito, o coronel Cunha Mattos, originando-se dahi um serio conflito entre o governo imperial e o exercito nacional, conflicto que tomou o nome de *Questão Militar*, a qual, tendo durado mais de três annos, terminou pela revolução do 15 de novembro, passando por diversas phases. Estará o governo inglez nos mesmos apuros? E o que havemos de saber muito em breve.

A situação da Irlanda é peor do que a dos povos balkanicos no tempo do poderio inenouso do Grão Sultão; porque ali não pôde penetrar nenhuma influencia estrangeira, nem a do Papa, hoje, é meramente platonica. Adriano IV por uma bula autorizou a annexação da Irlanda no seculo XII. Nenhum dos seus successores teve mais poder para minorar tamanho sacrificio, uma vez consumada do pelas armas, não obstante a fidelidade inquebrantavel dos seus sectarios irlandezes. E' uma situação semelhante á da Polonia, tambem catholica, retalhada e esmagada, ha mais de um seculo, por três grandes potencias incontrastáveis, e isolada do mundo civilizado, que, embora oiga os seus lamentos atrodores, nenhum auxilio lhe pôde prestar. *Victrix causa diis placuit, sed victa Catoni*. Os deus foram pelos vencedores, embora Catão fuisse pelos vencidos. E' a lição da historia em todos os tempos; os factos contemporaneos o demonstram cabalmente.

Mas então, sejanos sinceros, deixamos de apregoar as excellencias dessa sua liberdade ingleza, qua, como o ditto romano, que só se apilicava nos filhos da cidade eterna, só se refere aos arraigados naturaes da loira e novecenta Albion.

Quando vemos a tyrannia infrene dos *Lords* absorvendo, as portas mesmo do palacio de S. James, todas as energias vitales de um povo herano, exterminando o pela miseria e pela expatriação, não será lieito indagar si o mesmo não succederá nas vastas possessões da Maior-Bretanha, na Asia, na America, na Africa e em toda a parte? Será possível que a Australia, a colonia do Cabo e Canada, e o Egypto gozem de franquias e libertades, recusadas obstinadamente, ha séculos, a uma nação christã viçosa, com direito aos prouventos suauiores da civilização?

Fruta e ponos milhões de raptozes europens e seus descendentes são seuhores absolutos de quatro centos milhões de subditos, a quarta parte da população do globo! Cruel destino da humanidade, no qual sempre o reinado de Si-sipho, em busca da liberdade, para tomarem affixos no mesmo de escravido!

Ma a Inglaterra vai soffr o actualmente abalos muito serios e em breve darão lugar a exodo ao mundo. Desde a sua decrepita Camara dos *Lords* ate a constituição da familia, tudo vai sendo mudado pelo espirito ezequielico da Republica imminente. Prepare-se a Irlanda para seguir o signal dos temozes e não mais abraçar a causa de Carlos I.

Um confronto de moralidade administrativa

A povoscencia de justiça do povo brasileiro era, ha pouco tempo, violentamente abalada com o homicidio de um espirito forte, sufficientemente emancipado para esquecer ameaças e receios e manter rectilinea a conducta que se traçara na imprensa. Referimo-nos ao malogrado Trajano Chacon.

Fôra um dos propagandistas da candidatura victoriosa do sr. Dantas Barretto, Moço, deixando-se arrebatado pelo espirito de revolta que ha no intimo de toda mocidade impetuosa e ardente, alistara-se na vanguarda dos inimigos da situação dominante em Pernambuco, illudido pela miragem de um thraumaturgo que, sopitando interesses pessoais, calcando opiniões, combatendo principios seus, modificaria a ordem de coisas do Estado. Clamava-se, em todos os tons, contra a *negra oligarchia* do sr. Rosa e Silva. Entretanto, tudo bem apurado, poucas eram as pessoas mais proximoamente ligadas a elle que se podiam apontar: seu pai,—no congresso estadual; um genro,—na academia de Direito; um filho, um outro parente menos conjuncto, em cargos de importancia secundaria. Senhor da situação perto de vinte annos, poderia ter chamado, ao exercicio de logares de confiança immediata, velhos parentes esquecidos no sertão. Não os chamou. Conhecedor bastante dos homens, sabendo fazer dedicações — seleccionar amigos, preferiu estes na investidura desses cargos. Era moda, porem, gritar contra as situações locais, pintal-as como um polvo que sugasse as fontes de vida do Estado, como vehiculos infernaes de oppressão. E o que na maioria dos casos, eram meros tropos de rhetorica politica, illuminava-se de clarões sinistros na alma das multidões.

Houve um momento, mesmo, em que a campanha recrudescu de modo assombroso. Foi o cyclo dos Salvadores, — tidos como instrumentos da justiça popular para a reforma dos costumes, julgamento de pretensões, condemnação dos oppressores e defesa da democracia triumphante.

Pernambuco foi arrebatado na onda dessa pregação perigosa. A campanha irrompeu inesperadamente, alimentada pela geração forte dos moços que procuram no Recife um centro de educação e de cultura. As academias ficaram desertas. Os que as frequentavam vieram para a rua, arrastados por um enthusiasmo que os poucos annos justificam, dar o seu tributo de sangue à desordem e à violencia. E, confraternizando com empregados do commercio e praças e officiaes do exercito, fazendo *de povo* nos marchas, não foi difficil debarbar a situação dominante e encarrapitar o sr. Dantas Barretto na administração.

Um dos pioneiros desse apostolado de sangue e luto foi o jornalista Trajano Chacon. Entrou com a expansão de um enthusiasmo sincero, pondo todas as energias do coração, da penna e da palavra ao serviço da causa que abraçou. Breve, porem, via os pés de barro do seu bezerro de ouro, sentia-lhe a humana fragilidade, via-o ceder ao impulso de paixões nem sempre dignas e atasiou-se, descorçoado e confundido.

Não está, entretanto, no animo dos Salvadores o perdão rebeldias. O dyscolo devia pagar caro a revolta: pagou a com a propria vida, assassinado a

caçete, numa das arterias mais importantes da cidade, á hora em que era mais frequentada, ao sahir de um cinema. E tão publico foi o crime, tanto se exhibiram mandantes e mandatarios, que, na mesma noite, se indicava o commandante de um dos corpos da milicia estadual, o tenente do exercito Francisco Mello, como autor intelectual do crime, executado por subordinados do seu commando. Mas tão perverso fôra, tamanho alarme determinou, que toda a imprensa do país se occupou delle e o *salvador* de Pernambuco foi obrigado a mandar prender os assassinos. Prendeu-os, mas amparou com a sua solidariedade o mandante, conservando-lhe os galões de coronel mesmo depois de pronunciado e de feita prova plena da autoria. E, assim, continuou, até que o jury, arranjado a dedo, absolveu-o unanimemente— não para escarmo da instituição, mas para vergonha de nossos fóros de povo civilizado.

E' somente depois disto, depois que o criminoso recupera a liberdade, sob a condemnação dos factos, é certo, mas sob o amparo de uma decisão unanime que lhe proclamou a innocencia, que o governo pernambucano o destitue do seu posto na milicia—á pedido, para satisfazer solicitação sua!

Compare-se, agora, esse facto, com outro que occorreu, recentemente, entre nós.

Atendendo a urgentes reclamações, organiza-se, aqui, uma expedição contra bandidos que assolavam o norte, commettendo toda a sorte de desatinos. Confiada a um official, desempenha-se elle, sendo, ao regressar, cumulado de encomios pela energia com que procedera. Volta como um triumphador e candidata-se, com todas as condições de exito, a um logar na arrecadação das rendas publicas. Principiam, no entanto, a circular boatos que o desabonam. E definem-se. Tornam-se virulenta accusação, o que motiva a instauração de um inquerito militar de que ficou evidenciado ter exorbitado das ordens que recebera.

Pois bem. Apenas evidenciado isso, o exm. sr. dr. Miguel Rosa, inelyto governador do Estado, demittiu-o — a bem do serviço publico e da moralidade do corpo. Tratava-se de um correligionario e amigo, dos que se tinham collocado com desassombro, ao seu lado, na propaganda de sua candidatura a administração do Piauhhy. Para consciencia menos escrupulosa, isso o absolviera. Para s. exc., isso não pesou na balança em que lhe verificou os excessos criminosos; demittiu-o, fez abrir inquerito na policia e entregou-o á Justiça, deante da qual vai responder.

Quem puder fazer, serenamente, face, pois, o confronto dessas decções: o governador de Pernambuco, patrocina a causa de um assassino, mantendo-o no commando de um batalhão policial até que um escandalo do jury lhe abre as portas da prisão; o governador do Piauhhy, manda abrir inquerito, apurando a responsabilidade de um official tambem correligionario e amigo e demittiu-o a bem do serviço publico. Em nosso caso, não havia accusação positiva. Fôra facil fechar ouvidos aos boatos em curso e deixar impune o accusado. Ali, tratava-se de um crime horroroso, testemunhado por toda uma população. Compare-se, pois, isto, e veja-se onde está a moralidade,

de, si no salvador, si no governo piauhyense. Compare-se para que se diga qual dos dois segue a linha recta na administração.

(Do Piauhhy)

Telegrammas

Serviço especial do DIARIO DO PIAUHY INTERIOR

RIO, 28. — O governo federal pensa exercer logo uma acção definitiva contra os fanaticos de Santa Catharina e Paraná, agrupando forças em operação numa brigada, que será commandada pelo sr. general Carlos de Mesquita. RIO, 28.

O sr. general Marquês Porto acha se encarregado do inquerito militar afim de apurar a responsabilidade dos officiaes nos factos occorridos no Club Militar na noite de 4 para 5 do corrente. Referido general já iniciou os trabalhos d'esse inquerito e hoje foi a fortaleza de S. João tomar o depoimento dos officiaes, que lá se acham presos. FORTALEZA, 29.

Realizou-se, hontem, no palacio Guarany, á noite, um grande banquete politico que o partido republicano conservador e areense offereceu ao dr. José Borba e coronel Pedro Silvino de Alencar, os dois chefes libertadores. FORTALEZA, 29.

O sr. coronel Fernando Setembrino de Carvalho recusou os vencimentos a que tinha direito como presidente do estado, tendo este acto do illustre militar causado a melhor impressão.

Determinou s. exc. que o jornal «Unitario» fosse o organo official do estado. FORTALEZA, 29.

Os cofres estaduais foram encontrados completamente vazios. FORTALEZA, 29.

O governo federal casou a licença dos officiaes do exercito deputados á assembleia raballista, tendo o quartel general aqui, chamado todos, pela imprensa, a se apresentarem lá com urgencia. FORTALEZA, 29.

Não será prorogado o estado de sitio neste estado, que entrou em inteira calma e mesmo devido as proximas eleições.

Os rabellistas acham-se inteiramente aniquilados. Já foram demittidos todos os funcionarios rabellistas d'aqui e do interior. FORTALEZA, 29.

Seguiu hontem para o Cariry, afim de organizar o batalhão policial do estado, o sr. coronel Pedro Silvino de Alencar. S. LUIZ, 28.

Foi inaugurado, hoje, na

repartição dos correios, o retrato do senador Urbano Santos. A solemnidade da inauguração esteve brilhante, revestindo-se de grande importancia.

Fallaram o administrador dos correios, o engenheiro Oliveira Lima e o senador Urbano Santos, agradecendo a homenagem prestada á sua pessoa. S. LUIZ, 28.

O sr. coronel Virgilio Domingues pediu exoneração do cargo de secretario do governo. S. LUIZ, 28.

Seguiu para a villa das Flores o dr. Jayme Rios. DO ESTADO CAMPO-MAIOR, 29.

A alma do povo empombaiorense estremece e vibra de contentamento pela noticia da visita proxima que o dr. Miguel Rosa, governador do estado, pretende fazer a esta terra que o adora como a um filho querido.

Aprestam-se grandes festas para essa occasião, esperada com verdadeira anciedade. UNIÃO, 29.

No momento em que telegrapho acaba de fallecer, nesta cidade, o capitão Antonio Mdeiros de Mello, conselheiro municipal, que dispunha de grande prestigio politico. Reina grande consternação, principalmente no seio do partido conservador local, onde era elle querido pela sua inquebrantavel lealdade.

EXTERIOR ARGENTINA

BUENOS-AYRES, 28. As eleições geraes correram sem incidentes. Na capital venceram por grande maioria os candidatos socialistas.

INGLATERRA LONDRES, 28.

Continuam aqui bem animadas as negociações do emprestimo brasileiro, que, segundo se diz, sobe a vinte milhões esterlinos e será preceitado d'um adiamento, sobre letras do thesouro do Brazil, de cerca de dois milhões.

Os jornaes londrinos referem se aos trabalhos dos banqueiros nesse sentido, com algum optimismo, originando isto uma volta de melhores cotações para os titulos brazileiros.

O cambio que esteve baixando nestes ultimos dias, voltou á sua antiga firmeza. LONDRES, 28.

De Portland, no Canadá, partiu com destino a Irlanda a segunda esquadra ingleza. LONDRES, 28.

O «Times» declara que urge uma solução para a questão do *home-rule*, a bem dos interesses do paiz e do proprio throno britannico.

FRANCA

PARIS, 28. O sr. Alfredo Capus foi nomeado para o lugar do jornalista Gaston Calmette, na directoria do «Figaro».

ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON, 28. A embaixada mexicana comunica oficialmente que os rebeldes do seu paiz feram completamente derrotados em Torreón, onde soffreram avultadas baixas; que cerca de cinco mil rebeldes, que sahiram para Saltillo, ao mando do general Mourre, foram destróçados em Monclava, onde perderam mil e muitos homens entre mortos e feridos; e que as tropas federaes alcançaram cinco victorias em Tamanlipos.

O FUTURO DAS PEQUENAS NACIONALIDADES

(Conclusão)

Muito menos critica do que a posição das duas nações da península septentrional, e especialmente da Suecia, é a situação da pequena Dinamarca. Os rescoios de uma nova aggressão prussiana parecem definitivamente eliminados. A Dinamarca não pôde pensar mais em recobrar o Schleswig-Holstein; mas em compensação pôde estar certa de que o poderoso imperio visinho não procurará, pelo menos em um futuro proximo, fazer-lhe nenhuma nova mutilação territorial. Tanto para a Dinamarca como para os dous paizes scandinavos septentrionaes, a Alemanha é hoje o anjo protector. O imperio do Kaiser tem um interesse primordial em que a Russia não consiga apoderar-se dos pontos estrategicos da entrada do Báltico e por este motivo tanto a Dinamarca, como a Suecia, que occupam hoje aquellas posições, podem estar certas de que enquanto a Alemanha continuar a ser o factor principal da politica da Europa Central, o perigo russo, embora sempre presente, ficará comtudo adiado.

As pequenas nações dos Balkans estão hoje em uma posição tão proeminente que ninguém ignora as linhas geraes da situação dellas e a natureza especial dos problemas, de cuja solução depende o futuro daquelles paizes. Mas tão interessante é o aspecto politico da região balkanica, que não se pôde encontrar topico mais fascinante da politica internacional contemporanea do que a questão do desenvolvimento que vai ter a situação creada pelos acontecimentos destes ultimos quinze mezes. Ha no momento actual tres pequenas nacionalidades balkanicas que podem aspirar ao lugar supremo da futura politica daquella região. A Servia, a Grecia e a Rumania são esses tres candidatos á hegemonia dos Balkans. Humilhada pela derrota e economicamente exhausta pelos enormes sacrificios da vida e do dinheiro, a Bulgaria foi relegada para um plano secundario, onde permanecerá por muito tempo, só não vier alguma força estranha dar-lhe a mão para se erguer do abatimento em que jaz. O minusculo Montenegro que foi o primeiro a lançar fogo ao paiol balkanico e que fez immonses sacrificios durante a guerra, não lucrara mais do que um insignificante augmento do territorio e continuava sua humil posição de outr'a. Todas as vantagens do conflicto foram colhidas pela Grecia e pela Servia que passaram da obscuridade

politica para uma posição de consideravel destaque.

A Grecia é hoje a principal potencia do oeste europeu. As chancellarias das grandes potencias não podem mais tratar da questão do Oriente sem levar em conta as opiniões, os interesses e os sentimentos da nação hellenica. Senhora da parte meridional da Macedonia inclusive o porto de Salonica, que fora durante quasi dous seculos o sonho dourado da Austria, tendo conseguido annexar Creta, realisando por esta forma uma das mais antigas ambições nacionaes, a Grecia não terminou comtudo a sua expansão natural no Levante. A melindrosa questão das ilhas do Egeu, que se acham occupadas pelas tropas hellenicas, forma ainda um perigoso problema insolúvel que a guerra balkanica deixou como legado. Mas não é somente a annexação das ilhas fronteiras á costa da Asia Menor que constitui hoje o ideal da nova Grecia. Tanto em Constantinopla, como nas principaes cidades maritimas da Turquia Asiatica, o Grego é o elemento principal da vida economica. Raça de marinheiros e de mercadores, o Grego moderno só encontra no Levante um rival capaz de competir com elle e o judeu. Para leste de Malta, por todas as terras da bacia oriental do Mediterraneo, os centros commerciaes continuam a ser colonias gregas, tal qual como nos dias da antiga Hollade. Todo o commercio retalhista está nas mãos desse povo e a riqueza accumulada por elle é muito consideravel. Considerando esses factos e attendendo ás tradições historicas da Grecia classica e do Imperio Byzantino, é facil comprehender a aspiração da grande Grecia, que hoje fascina os Hellenos. A possibilidade da realisação de seus sonhos de reconstituir o Imperio do Oriente, sob a hegemonia hellenica, é muito remota, mas o simples facto de que taes aspirações existam e de que hoje a Grecia adquiriu um prestigio politico e militar sufficientemente grande para inspirar apprehensões á Italia e á Austria, basta para collocar a monarchia hellenica em uma posição unica entre as pequenas nações. Ella está hoje na situação especial de uma nação pequena que ambiciona passar para o circulo das potencias importantes. E' um paiz que atravessa uma phase critica de transição que pode terminar pela realisação triumphal dos seus ambiciosos planos de engrandecimento ou que pode ter por epilogo uma catastrophe irreparavel.

As outras pequenas nações balkanicas estão em uma posição completamente differente. A Servia adquiriu territorios importantes, mas não conseguiu obter o acesso ao mar, que havia sido um dos seus principaes objectivos, senão a ambição unica, que a levára a envolver-se na grande luta contra o Imperio Ottomano. O seu futuro depende do destino da Austria-Hungria—Se a Monarchia dos Habsburgos continuar na decadencia, que tanto se accentuou desde o começo da crise balkanica, a Servia poderá vir a ser o nucleo em torno do qual se congregarão os Slavs meridionaes, e, nesta hypothese, a possibilidade de um grande Imperio servio será um dos grandes acontecimentos do século XX. Mas as difficuldades para a realisação desse ideal são enormes. Além da posição tenaz da Austria-Hungria, a Servia tem de contar com o antagonismo da Bulgaria, que embora difficilmente possa recuperar energia e poder bastante para se tornar o centro da raça slava nos Balkans, terá comtudo sufficiente força para embaraçar as aspirações da Servia. Montenegro, que é uma minuscula nacionalidade servia, só tem duas alternativas. Ou ser incorporado á Servia, ao caso desta se tornar uma potencia importante, ou ficar na sua modesta posição de Estado

insignificante, se o «statu quo» balkanico fór mantido.

A Bulgaria que, durante a primeira phase da guerra balkanica, atrahio todas as attentões e foi considerada como destinada a ser a Prussia da Europa oriental, reunindo em torno de si os Estados balkanicos e formando uma confederação, que teria de ser contada entre as grandes potencias, está hoje despojada da sua grandeza transitoria. Daguer'a, a Bulgaria tirou algumas vantagens territorias que não são pequenas. Apesar da segunda parte do conflicto ter redundado na parte dos territorios, que ella adquirira na Macedonia e na Thracia oriental, que foi reconquistada pela Turquia, a Bulgaria ficou de posse da parte occidental desta antiga provincia ottomana e conseguiu ter acesso ao Mar Egeu. Mas a falta de linhas ferreas e a inferioridade dos portos da zona do littoral tracico, que lhe coube, farão com que durante muitos annos a Bulgaria não possa auferir vantagens economicas dos seus novos territorios. E para tornar essas condições ainda piores, ha sobretudo a circumstancia de que o esforo da luta exgotou todas as energias da nação bulgara, que não estava preparada para tantos sacrificios e que soffrera por um longo prazo os efeitos da terrivel crise.

A posição da Rumania é talvez menos interessante do que a das suas vizinhas. A Rumania é uma nação que parece estar satisfeita com a sua posição secundaria. Os recentes acontecimentos demonstraram que o ideal dos Rumanicos é viverem tranquilos. Nem mesmo as grandes oportunidades da postposta balkanica conseguiram seduzir esse povo commodista e pratico. Quando a Bulgaria se tornou um perigo, a Rumania collocou-se á frente de uma liga geral dos pequenos Estados da região para destruir a hegemonia bulgara que a assustava. Mas logo que o perigo desapareceu, a Rumania, em vez de procurar tirar da sua victoria triumphal, que outros paizes ambiciosos teriam tirado, não fez mais do que obter do vizinho vencido uma pequena rectificação de fronteiras. O objectivo do Governo Rumanico com essa attitude generosa foi evidentemente impedir que o raucor da Bulgaria lhe visse a crear mais tarde embaraços e perigos. Mas se a Bulgaria não tem aspirações imperialistas ella procura desenvolver o mais que pôde os seus recursos e, sob o ponto de vista da cultura intellectual, é incontestavelmente o mais adiantado dos paizes balkanicos.

O terceiro grupo de nações pequenas offerece um interesse internacional enorme. Em torno da Belgica e da Hollanda gira todo o problema militar da Europa occidental. Para a Alemanha e para a França, bem como para a Inglaterra, a neutralidade desses dous paizes constitue uma condição essencial de segurança propria. Se a Alemanha conseguisse tomar conta da Hollanda e da Belgica, a França ficaria sob a ameaça constante de uma invasão, contra a qual seria difficilissimo oppor uma resistencia effizaz, e o mesmo aconteceria á Alemanha se a sua rival lograsse assenhorear-se dos Paizes Baixos. Para a Inglaterra, a presença de um inimigo em Rotterdam ou em Antuwrpia seria uma permanente ameaça á inviolabilidade das Ilhas Britannicas.

O unico perigo que ameaça a Belgica e a Hollanda é a expansão germanica. A incorporação daquelles dous paizes á confederação allemã é um dos sonhos do Pan-Germanismo e seguindo o seu systema de preparar a conquista pela pacificação pacifica, a Alemanha adquiriu já na Belgica uma grande influencia commercial. Na Hollanda, a influencia allemã é relativamente pequena; ampla ponderancia dos interes-

ses germanicos na Belgica é tão germanico que nestes ultimos annos chegou a causar uma certa ariedade na Inglaterra e na França. Uma das forças, que cooperam com o Pan-Germanismo na Belgica, é o partido catholico que alli domina e que, receioso de que predominem na Belgica as tendencias liberaes do espirito francez, procura abrir todas as portas á influencia allemã, mesmo em detrimento dos interesses fundameetaes da independencia nacional. Tem-se fallado nas relações secretas do partido catholico belga com os Pan-Germanistas do Centro Catholico Allemão, mas é impossivel dizer até que ponto esses rumores são exactos. Restrictas pelas suas condições no meio de grandes nações rivaes a manterem-se neutras, a Belgica e a Hollanda não parecem destinadas a ter nenhum futuro politico. Em compensação essas duas nações, cuja riqueza e progresso material são admiraveis, vão rapidamente adquirindo uma importancia economica e financeira, que está completamente foca de proporção com o seu acanhamento territorial e com a sua pequena importancia politica. E a Hollanda, pelo papel importante que tem representado na questão da paz e do arbitramento parece destinada a ser o centro de qualquer futuro systema de organização permanente da justiça internacional. A Belgica possui uma grande e rica colonia africana; mas é muito duvidoso que ella consiga manter a sua soberania sobre esse vasto territorio do Congo, em torno do qual se agitam as ambições de tantas nações poderosas.

A ultima pequena nação da Europa é Portugal, cuja situação interna offerece neste momento tanto interesse. Sob o ponto de vista internacional, a posição de Portugal é simples e destituida dos perigos que cercam os outros pequenos paizes da Europa. A sua unica vizinha é a Hespanha, que não tem vantagem alguma em tentar absorver Portugal e que, mesmo quando entretivesse semelhantes aspirações, não disporia de força sufficiente para as realisar. Todo o problema internacional portuguez gira em torno da sua posição essencialmente maritima. Portugal precisa de estar em termos de boa amizade com a potencia que domina o Atlantico septentrional. A lição da guerra peninsular demonstrou que quem tiver a hegemonia naval naquellas aguas pode ditar a politica que Portugal tem de seguir. Mas, sob este ponto de vista, a posição da Republica Portugueza é satisfactoria e continuará a ser-o, enquanto entre ella e a Grã-Bretanha persistirem as actuaes relações de estreita amizade. (Extr.)

Palcos e telas

Realizou-se, domingo, ao «Quatro de setembro» o espectáculo anunciado pela companhia «Gaihardo».

As americanitas foram irreprehensiveis e mais uma vez denotaram o grande talento artistico que possuem e recobreram bem merecidas saivas de palmas.

Só uma cousa notámos e esta só se justifica pela falta de interesse do nosso publico pelas cousas do theatro,—que a vasante foi enorme, quando era de suppôr que teriamos uma casa ao menos regular, já pelo valor incontestavel do trabalho das americanitas e já porque ha muitos dias permanencia fechada o «4 de Setembro».

Mas foi mais uma decepção, decepção para os artistas e decepção para os que suppõem que ja estamos com a «civillização» precisa para dar valor ao que effectivamente valor tem o nosso theatro.

—Será levada á scena hoje, pela primeira vez pela academia do Palco, a revista de costumes loques.

Therezina por dentro. Referida peça está ornada de bellissimos numeros de musica, sendo para esperar que muito agrade ás exmas. familias therezinezes, que com certeza gosarão uma noite agradabilissima.

O primeiro e o segundo actos da Therezina por dentro, passaram-se na praça Rio Branco onde se destaca lindo coreto, no qual uma das bandas de musica executará peças ao subir o pano.

Alem da banda do batalhão policial, abrihantarão o espectral, a orchestra Riba-Mar e a banda da Escola de Aprendizices Artifices, gentilmente cedidas pelos seus dignos directores.

Auguramos aos Amigos do Palco, um ruidoso successo.

MOVIMENTO SOCIAL

ANNIVERSARIOS

DR. RAIMUNDO ARTHUR—Passou a 29 o natalicio do eminente piauhense dr. Raimundo Arthur de Vasconcelos, preclaro deputado federal por este estado, que lhe deve relevantes serviços prestados, já durante um quinquennio de faculdade de administração e já durante o tempo em que o tem representado nas duas casas do congresso da Republica.

A s. exc.º, segundo noticias do Rio, projectavam fazer seus amigos e admiradores, imponente manifestação de alto apreço da que lá gosa o illustre e criterioso representante do estado do Piauh, que, de bom grado applaude este feliz gest o da mercada justica.

O «Diario», sumamente regojado, apresenta a s. exc.ª as suas sinceras saudações.

CORONEL VELLOSO—Hontem fez annos o muito estimado e distinto patriota coronel Antonio Augusto de Castro Velloso, criterioso thesoureiro do estado. Foi activo para que o sr. coronel Velloso mais uma vez tivesse a satisfação de receber as homenagens dos seus numerosos amigos e admiradores desta capital. Muitos destes fizeram significativas demonstrações de respeito, indo, ao meio dia saudá-lo, incorporados e com a banda do corpo policial que tocou por algum tempo, em frente do thesouro e da casa de residencia do coronel Velloso, onde, depois, outros amigos foram igualmente, lavar a s. s. as mais amistosias saudações, ás quaes o «Diario» addiciona, hoje, também as suas.

Varias Noticias

Notas policiaes.—Patrulha. Patrulhará a cidade e o mercado publico hoje (terça-feira) o subdelegado de policia, do 2.º districto, sr. Joaquim Antonio de Moraes, e o theatro, o do 5.º districto, sr. Leandro José Velloso.

Queixa.—A sr.ª d. Izabel da Costa Braga, residente á rua de Santo Antonio, queixou-se de policia, contra o procedimento do rapazinho Luiz Fontenelle, seu visinho, que, insuflado por sua mãe, Maria Alves, a insulta diariamente. O subdelegado do respectivo districto providenciará para que cesse o reprovado procedimento daquelle senhor.

Distrito telegraphico.—A fim de ser authenticado por quem o organizou, foi desenvolvido a este escriptorio o organamento do edificio do correio de 4.ª classe desta capital.

O sr. Antonio da Costa Rubin que solicito admisión como praticante regional na vtação de Flores, foi mandado pelo sr. dr. director geral aguardar oportunidade.

O sr. dr. sub-director da contabilidade em circular, communicou que as gratificações additionaes devem ser somente pagas sobre os vencimentos do cargo effectivo e nunca tambem sobre vantagens percebidas por substituições.

Fica extensiva ao serviço de imprensa no territorio do Aere o abatimento de 50 % concedido aos radio telegrammas expedidos por autoridades dos estados do Amazonas para Mato Grosso, observados os arts. 215 a 222 do Regulamento, cobrando-se além da taxa radio telegraphica mais de 25 reis por palavra quando o telegramma tiver curso nas linhas terrestres.

